Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos do Público – Comunicação Social S.A. são pertença do Público.
Os conteúdos disponibilizados ao Utilizador assinante não poderão ser copiados, alterados ou distribuídos salvo com autorização expressa do Público – Comunicação Social, S.A.

Alexandra Prado Coelho

Como responder ao desejo de ter uma relação íntima com plantas? Em *Pteridophilia*, na Kunsthalle Lissabon, Zheng Bo explora a relação sexual entre homens e plantas. Um trabalho (também) político: porque é que o sexo levanta questões éticas, como a do consentimento, mas o acto de comer uma planta não?

Os homens que

Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos do Público – Comunicação Social S.A. são pertença do Público.
Os conteúdos disponibilizados ao Utilizador assinante não poderão ser copiados, alterados ou distribuídos salvo com autorização expressa do Público – Comunicação Social, S.A.

Acredita que a raça humana caminha, inevitavelmente, para a extinção. Interessa-lhe cada vez mais olhar as plantas e entender o mundo através delas. Zheng Bo nasceu em 1974 em Pequim, vive em Hong Kong e apresenta pela primeira vez o seu trabalho em Portugal: *The Soft and Weak Are Companions of Life*, na Kunsthalle Lissabon, até 29 de Agosto. Aí são apresentados dois trabalhos: os quatro vídeos de *Pteridophilia* (a palavra é derivada do grego *pterid-* "feto" e *–philia* "amor") e uma série de desenhos, que vão ser apresentados em público pela primeira vez, intitulada *Drawing Life*, que mostra as plantas que o artista tem desenhado todos os dias em passeios pela ilha de Lantau, em Hong Kong.

Numa conversa por Skype com o Ípsilon Zheng Bo descreve um mundo de igualdade entre espécies, mas não fala de direitos. "A ideia de direitos nunca teve muito poder na China". O Taoismo tem vindo, cada vez mais, a guiar o seu pensamento. Sente-se hoje mais chinês.

Em que momento do seu percurso é que o tema das relações entre humanos e plantas se tornou importante?
Nos primeiros dez anos da minha prática, estava interessado em relações com pessoas. Em 2013 fui convidado a fazer um projecto em Xangai, estava a visitar o local e vi um conjunto de ervas. Era uma fábrica e, como ela tinha saído da cidade, as pessoas desapareceram durante dois ou três anos e as plantas ocuparam o espaço. Fiquei impressionado com o carácter vibrante das plantas e, de repente, percebi que nunca tinha prestado muita atenção às plantas na cidade. Quando ando, olho normalmente para as pessoas, os edifícios, os locais. Desde então tenho-me focado nas plantas. Ainda não sei muito sobre animais.

Há um lado erótico muito forte nos seus trabalhos. Podemos pensar em plantas e na nossa relação com elas de muitas maneiras. Porquê esta?
Comecei a trabalhar com plantas em 2013 e nos primeiros três anos fiz sobretudo instalações. Mas ao fim de três anos senti que ainda havia uma distância entre mim e as plantas. Mesmo passando tempo com elas, não era uma relação muito íntima. Tinha este desejo de encontrar uma forma de relação íntima com as plantas.

A pornografia foi sempre algo que me interessou. Em 2004 fiz um trabalho intitulado *Watch Porn, Learn English* usando pornografia norte-americana dos anos 70 e dobrei as vozes com uma amiga. Eu fazia a personagem feminina e a minha amiga dobrava a personagem masculina. Em 2016 pensei: "porque é que não faço um filme pornográfico com plantas?". Uma amiga tinha dito que uma das melhores formas de conhecer alguém rapidamente é ter sexo com essa pessoa. Fiquei a pensar nisso e foi assim que o projecto [a série de vídeos *Pteridophilia 1-4*, agora apresentada em Lisboa] começou.

Inicialmente estava a pensar mais em intimidade. Mas agora, de cada vez que mostro o filme, as pessoas perguntam-me sobre questões éticas: consentimento, por exemplo. Não planeei isto, mas agora percebo que levar a relação a um nível sexual eleva a fasquia da ética.

Assumimos geralmente um conjunto de relações por defeito com plantas. Podemos plantá-las, levá-las de um lado para o outro, cortá-las e pô-las num vaso. Estas relações são aceites. Mas quando se tem sexo com elas as pessoas pensam imediatamente em questões éticas. Pergunto: é mais ético ter sexo com plantas ou é mais ético cortá-las ou comer os vegetais?

Quando essas questões são levantadas, as pessoas estão a pensar de facto nas plantas ou nas relações entre humanos? Não é sempre esse o humano centro das nossas reflexões?
Qualquer trabalho com outra espécie é, de certa forma, um espelho. Quando tentamos pensar a nossa relação com as plantas usamos geralmente as relações humanas como ponto de partida. Num projecto de 2014, usei a ideia de residência para perguntar se as plantas também têm uma residência permanente na cidade. São ideias humanas para pensar a forma como as plantas existem. E também funciona ao contrário: examinamos as nossas relações humanas olhando para as relações com as outras espécies.

> "Assumimos um conjunto de relações por defeito com plantas. Podemos plantá-las, cortá-las e pô-las num vaso. Mas quando se tem sexo com elas as pessoas pensam em questões éticas. Pergunto: é mais ético ter sexo com plantas ou é mais ético cortá-las ou comer os vegetais?"

Descreve às vezes as plantas com características humanas. Diz que são humildes, mas resistentes...
Aí estava a falar das ervas.

É difícil usar palavras diferentes para falar de outras espécies?
Às vezes é ao contrário. Temos, para nós, expressões como "ganhar raízes" ou algo está "a florescer". Muitas das palavras que usamos têm origem na nossa observação das plantas e dos animais. Não sou linguista, mas a minha impressão é que todas estas ideias estão ligadas entre si. Quando dizemos que alguém é resistente, em chinês usamos uma palavra relacionada com pinheiros, que na iconografia tradicional são símbolos de resistência.

Quando falava de ervas estava a pensar mais na comparação entre as ervas e os trabalhadores migrantes na China. A forma como tratamos as ervas é semelhante à forma como tratamos esses trabalhadores. Permitimos que vivam na periferia da cidade quando a terra aí não é muito valiosa, mas quando ela se torna valiosa vemo-nos livres deles.

Fala em pornografia, mas há sobretudo uma componente erótica forte no seu trabalho. Não está o erotismo ligado sobretudo à inteligência e à vontade? E, sendo assim, de que forma pode manifestar-se em plantas? Fala em igualdade – mas vê a mesma inteligência no comportamento das plantas e no dos homens?
Algumas das palavras que uso referem-se a projectos diferentes. A questão da igualdade está presente em alguns trabalhos, mas não tanto neste filme. Aqui não pensei tanto em inteligência, estava mais interessado na forma de existência porque as plantas não se movem, pelo menos na temporalidade a que estamos acostumados, fazem-no muito devagar. Além disso, não usam linguagem, e sim sinais químicos, mas sentem o toque, a luz, o movimento.

Ao fazer o filme, o desafio não foi tanto a estética, mas sobretudo tentar perceber, especificamente com os fetos, como é que existem e como potencialmente sentem prazer. Há um episódio de sexo S&M. Há uma grande especulação sobre se as plantas conseguem tolerar esse tipo de sexo, gostar dele. Não estávamos a pensar tanto em inteligência, mas em existência, prazer.

Referia-me a uma inteligência erótica e não necessariamente racional.
Penso que as nossas relações ▶

e fazem amor com plantas

Interessa-lhe cada vez mais olhar as plantas e entender o mundo através delas. Zheng Bo nasceu em 1974 em Pequim, vive em Hong Kong e apresenta pela primeira vez o seu trabalho em Portugal: *The Soft and Weak Are Companions of Life*, até 29 de Agosto

Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos do Público – Comunicação Social S.A. são pertença do Público.
Os conteúdos disponibilizados ao Utilizador assinante não poderão ser copiados, alterados ou distribuídos salvo com autorização expressa do Público – Comunicação Social, S.A.

► hoje são demasiado centradas na visão. Quando falamos de inteligência, eu pensava mais em inteligência corporal. Temos pouco jeito hoje com as mãos porque só usamos alguns dedos, somos muito limitados nos nossos movimentos diários.

Para além da pornografia, pensei também sempre nisto como um projecto de dança. Apesar de a maior parte dos actores virem do teatro (por alguma razão, os actores de teatro têm uma mentalidade mais aberta), tentei procurar bailarinos. Sobretudo na quarta parte, é mais como um filme de dança.

Como é que o projecto evoluiu? Quando o iniciou estava a pensar que seria tão longo?

A ideia chegou bastante tarde. Eu estava a fazer uma residência em Taiwan em 2016 e fiz vários outros trabalhos. Quando esta ideia surgiu, não tinha a certeza se seria capaz de a fazer ou não. Falava nela a outras pessoas, ninguém tinha visto nada assim, por isso era muito difícil imaginarem. Depois da primeira parte, tornou-se mais fácil dizer o que estava a fazer. Em 2018 fiz a parte 2 e 3, e no ano passado fiz a parte 4. Agora tenho planos para completar o projecto com os capítulos 5 e 6. Sei mais sobre sexo masculino, não sabia tanto sobre fetos quando comecei a fazer o filme. Foi fascinante para mim descobrir mais sobre eles. Se sentir que há coisas que ainda preciso de aprender, vou continuar a fazer o filme.

O que é que já aprendeu sobre fetos?

Há muitos detalhes. No segundo filme, o feto que está a ser comido pelo actor é uma planta comestível. As pessoas em Taiwan conhecem este vegetal, mas não na sua forma original. Tinha comido o vegetal antes mas não me tinha apercebido de como a planta podia ser agradável.

Enquanto filmávamos, o que demorou alguns dias, tivemos quatro plantas diferentes da mesma espécie, e o realizador começou a dizer "esta é mais feminina do que a que usámos ontem", e no dia seguinte era mais masculina. Comecei a interessar-me pela sexualidade dos fetos. Sabia que não têm flores, mas não conhecia o mecanismo exacto da reprodução. Agora sei mais do que a maioria das pessoas.

Os fetos produzem esporos que entram no chão e produzem gametófitos, que, por sua vez, produzem ovos e esperma. Uma geração é monossexual e a segunda é bissexual, por isso a sexualidade [dos fetos] tornou-se muito interessante para mim.

As pessoas pensavam que era um filme *queer* porque tinha homens nus, mas é *queer* não por causa dos homens e sim por causa das plantas. Os fetos têm uma sexualidade muito diferente da das plantas que dão flores e com as quais estamos muito mais familiarizados. Isto eu não sabia até ter feito a segunda parte.

A terceira parte é sobre S&M, há um feto que tem espinhos, eu também não sabia isso, só quando estávamos a avaliar o potencial para sexo sado-maso é que percebemos que havia fetos com espinhos. E a parte 4 é sobre os rebentos mais jovens. A parte 5, que foi adiada por causa do covid-19, será sobre os esporos. Sei muito pouco, estou a aprender.

O seu trabalho tem uma abordagem política forte, mas no início era mais abertamente político, com temas ligados à China e à sociedade chinesa. Como é que a abertura a outras espécies alterou o lado político do seu trabalho?

A razão que me levou a ir para além dos humanos foi não apenas ter-me apercebido que não sabia muito sobre plantas mas também ter percebido que as questões políticas em que me estava a focar eram apenas uma parte de um todo que devemos entender. A questão mais importante hoje é a da emergência climática. Antes estava mais centrado nas políticas identitárias, mas percebi que o colapso ecológico é o tema político mais importante que enfrentamos. Não apenas para a China, mas para todo o planeta.

Num dos meus trabalhos plantei o *slogan* Socialismo Bom [plantado originalmente em 1991 pelo regime chinês na Praça Tiananmen], e depois deixei as plantas em paz e as ervas começaram a aparecer. Slogans como Socialismo Bom ou Liberdade, Igualdade, Fraternidade, são muito centrados nos humanos. Quando pensamos em liberdade, pensamos apenas na liberdade dos humanos, quando pensamos em socialismo é apenas na igualdade entre os humanos. Estes projectos tornam muito óbvio que temos que examinar as limitações destas ideias políticas. Talvez um dos falhanços da revolução socialista tenha sido não termos pensado na igualdade entre as espécies e termos continuado a extrair recursos exactamente como as sociedades capitalistas.

Quando falamos nos direitos das plantas ou dos animais são sempre os humanos a lutar pelos direitos de outras espécies.

Nunca uso a palavra direitos no meu trabalho. A ideia de direitos nunca teve muito poder na China por causa das nossas tradições culturais e da nossa história política. É por isso que não falo em direitos dos animais ou das plantas. Na China, temos uma tradição muito forte de Daoismo [ou Taoismo]. Comecei a fazer *workshops* no ano passado para levar as pessoas a desenhar ervas na cidade e faço uma apresentação que tem o título *Dao is in Weeds*. A ideia do Daoismo é que o Dao, o caminho do universo, está em tudo, não apenas nas sociedades humanas mas em coisas simples como as ervas. Estas ideias são muito mais poderosas na China do que a ideia de direitos.

Porque vêm de uma tradição colectivista e não da tradição mais individualista do Ocidente?

Sim, precisamente. É uma tradição relacional, damos muito mais atenção às relações do que aos indivíduos. Esta relação é também transiente, estamos muito confortáveis com processos. Não temos a *stasis* como objectivo, sentimo-nos confortáveis com o facto de as coisas estarem sempre em trânsito.

A pandemia de covid-19 levou-nos a pensar de uma forma diferente, a sentir a necessidade de repensar a realidade que nos rodeia? Sente uma mudança profunda na maneira como olhamos o mundo ou é algo momentâneo, provocado pelo medo?

Mudou a forma como trabalho. Nos últimos anos tenho viajado muito, os meus projectos são *site-specific* mas em diferentes cidades. Como não posso viajar, tenho estado todos os dias a desenhar na colina por trás da cidade. A exposição em Lisboa inclui 18 desenhos deste ano. Mas não creio que a minha visão do mundo se tenha alterado muito. Tenho estado a trabalhar nas questões ecológicas há alguns anos, tenho estado a ler *The Unhabitable Earth* [*A Terra Inabitável*, de David Wallace-Wells]. Quem presta atenção às questões ecológicas, aos fogos na Austrália, às pragas de gafanhotos em África, à poluição na China, sabe que estamos numa situação muito má. Eu sei disso há dez anos, para mim a pandemia não foi nada de novo, foi apenas mais intenso.

A nossa visão antropocêntrica continua inabalável?

Não acredito que esta pandemia seja o ponto de viragem. A maioria das pessoas continua a tratá-la como uma crise de saúde pública e não como uma crise ecológica. Não sei quando ou o quê levará a humanidade a agir. As pessoas falam em voltar para o normal. Mas agora é normal. Eu não estou a voar, isso é normal, se recomeçar a voar é que não é normal. Sei que não devia viajar tanto, mas sinto-me tentado, continuo a mover-me por ganância e ambição. Tal como a maioria das pessoas.

Quão profundamente chinês se sente?

Por vezes penso que não sou chinês, outras que sou muito chinês. Quando estava a lidar com políticas de identidade era muito afectado pela minha experiência nos EUA. Nos últimos sete anos estive em Hong Kong, com muitos projectos na China, estou a estudar o Daoismo, estou mais próximo da minha família. Tornei-me mais sensível às ideias culturais chinesas. A minha mãe é do sudoeste da China e gosta muito de passear, não gosta de estar sentada a ler livros, eu gostava disso e agora sinto que me estou a transformar na minha mãe. Quero andar e não quero estar em casa sentado a ler. Talvez os meus genes se estejam a tornar mais poderosos do que a minha identidade cultural.

Como vê a tensão crescente entre Ocidente e China, a percepção, cada vez mais profunda, de que somos dois mundos distintos e com medo um do outro?

Como espécie estamos condenados. Estou cada vez mais convencido de que iremos extinguir-nos num futuro não muito distante. Se virmos isso como o nosso destino colectivo, não quereremos livrar-nos das fronteiras da nação-estado e pensarmos em como trabalhar juntos como uma espécie? Mas não é isso que está a acontecer na política real. Parece que à medida que mergulhamos mais profundamente na crise odiamo-nos mais uns aos outros, tornamo-nos mais agressivos e competitivos. Precisamente porque temos recursos limitados e encontramos limites no planeta. Estamos a competir por recursos.

Isso não o faz sentir demasiado pessimista? Continua a viver e a trabalhar...

Tenho a sensação de que usámos recursos em excesso, usámos demasiada terra, explorámos outras espécies. Vivemos vidas tão luxuosas... diz-se "a vida é difícil porque é que a tornamos tão fácil?".

A obra de Zheng Bo cruza do humano", diz Luís Silva,

Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos do Público – Comunicação Social S.A. são pertença do Público.
Os conteúdos disponibilizados ao Utilizador assinante não poderão ser copiados, alterados ou distribuídos salvo com autorização expressa do Público – Comunicação Social, S.A.

Perante o prazer dos outros, *lost in translation*?

Uma caixa negra e almofadas – o dispositivo criado pela Kunsthalle para vermos o trabalho de Zheng Bo aprofunda a nossa experiência da intimidade.

Não me tornei um eremita mas vivo numa zona remota de Hong Kong, raramente saio, vou para as colinas na maior parte dos dias, quero passar o máximo de tempo possível com plantas. Não deixo de viver ou de trabalhar porque continuo a sentir que o tempo que passo com plantas e com algumas pessoas é importante. Nado no oceano todos os dias, e acho que viver no planeta continua a ser uma experiência muito bonita.

Penso, com os meus alunos, na questão de como devemos reagir se realmente caminhamos para a extinção. Ainda temos a responsabilidade de deixar o planeta na melhor forma possível para as outras espécies. Mesmo que nos extingamos, ainda temos responsabilidades éticas. Talvez o nosso caminho seja um falhanço, mas isso não significa que tenhamos que destruir as coisas para outros caminhos de evolução.

"A questão mais importante hoje é a da emergência climática. Antes estava mais centrado nas políticas identitárias, mas percebi que o colapso ecológico é o tema político mais importante que enfrentamos"

Há várias portas para entrar no universo de Zheng Bo (Pequim, 1974). Uma delas é a conversa que, enquanto artista residente do Museu Gropius Bau, de Berlim, manteve com o filósofo Roger T. Ames, professor na Universidade de Pequim, sobre as perspectivas do Daoismo no pensamento interespécies.

A conversa é gravada enquanto Zheng Bo passeia num jardim (está a chover) e vai questionando Ames sobre a relação entre humanos e plantas. Na residência artística, Bo propõe-se aprofundar a sua pesquisa através destas conversas – existem mais duas, com Natasha Myers, especialista em estudos de plantas da Universidade de York, em Toronto, e com o ecologista japonês Takeshi Ise que podem ser ouvidas no site do Gropius Bau.

"O que o Daoismo [ou Taoismo] apresenta é um desafio ao individualismo", diz, a certa altura, Ames. "Tudo no individualismo tem a ver com vencedores e vencidos." É o facto de explorar uma visão do mundo alternativa a esta que torna o trabalho de Zheng Bo político para lá da ecologia.

"Talvez o mundo hoje esteja organizado em torno de conceitos, mas o universo não pode ser ocupado apenas por conceitos. Para lá destes conceitos criados por nós, existes tu e milhares de milhões de outros seres que eu provavelmente nunca irei encontrar na vida", escreve Bo num trabalho de 2015, uma carta dirigida às ervas, intitulado *Candidatura ao Partido*.

A obra de Zheng Bo cruza "o debate actual sobre políticas identitárias com um discurso ecologista que recentra a perspectiva do humano", diz Luís Silva, co-directo e co-curador, com João Morão, da Kunsthalle Lissabon, onde duas peças de Bo – os vídeos *Pteridophilia 1-4* e a série de desenhos *Drawing Life* – podem ser vistos até 29 de Agosto na exposição *The Soft and Weak Are Companions of Life*.

Num mundo em que "a marginalização dos elementos naturais levou-nos a uma baixa consciência e respeito por outras formas de vida que não humanos e animais", o artista chinês a viver em Hong Kong trabalha a ideia de intimidade e dá-nos um exemplo de uma possível relação entre humanos e o mundo vegetal, derrubando, nesse processo, a visão antropocêntrica que temos da natureza", explica o texto de apresentação da exposição.

Na sua obra, sublinha o texto, "as plantas representam também o negligenciado e o *queer* [...] apontando dessa maneira a necessidade urgente de expandir as nossas noções de relações interespécies, comunidades e contra-públicos".

Para potenciar essa reflexão sobre a intimidade – na primeira exposição da galeria que, por causa da pandemia, teve quer ser montada à distância e não terá uma inauguração formal – artista e curadores optaram por criar uma *black box* com almofadas no interior, onde as pessoas podem ver os vídeos *Pteridophilia 1-4*.

Nessa obra, Zheng Bo "filma jovens em contacto íntimo com vários tipos de fetos numa floresta de Taiwan", mantendo "relações emocionais e físicas com as plantas: lambem-nas, envolvem-nas, acariciam-nas, mordem-nas, comem-nas e têm relações sexuais com elas, mostrando-nos um número infinito de possibilidades de intimidade vegetal-humana".

Como será a reacção das pessoas perante este dispositivo num tempo em que, por causa da covid-19, estão a olhar para as relações sociais de forma diferente, interroga-se Luís Silva. As imagens dos jovens e dos fetos fazem-nos "pensar na redefinição da nossa experiência de intimidade", podendo, em algumas pessoas, provocar um incómodo não apenas pela nudez dos corpos mas porque, inevitavelmente, "focamo-nos no prazer dos humanos e há uma gama de reacções das plantas que para sempre ficará invisível para nós". Somos, assim, confrontados com essa impossibilidade de ter uma relação verdadeiramente igual com outra espécie por nunca a podermos entender plenamente.

Por outro lado, a visão de Zheng Bo parte sempre de uma perspectiva pelo menos parcialmente asiática – o nunca falar de direitos das plantas é exemplo disso, dado que a noção de direitos individuais não faz, para um chinês, o mesmo sentido que faz para um ocidental. Mas esse facto, diz Luís Silva, não limita em nada todas as nossas possíveis leituras, enquanto espectadores, a partir do lugar onde nos encontramos.

"Há a tendência para um biografismo excessivo relativamente aos artistas", afirma o curador. "Acho que isso é problemático. O Zheng Bo tem uma experiência de vida formatada por um modo de viver muito diferente do nosso, mas a reflexão que faz transcende esses códigos. É uma reflexão política e ética e por isso válida para códigos diferentes na sua base".

O ponto de partida é claramente oriental – o título da exposição, *The Soft and Weak Are Companions of Life*, é uma frase do capítulo 76 do Dao De Jing, texto taoista do século IV a.C. escrito em chinês clássico, "o qual apresenta uma série de desafios a uma compreensão plena", por ser uma linguagem que, como explica o estudioso taoista Holmes Welch, "não tem forma activa ou passiva, singular ou plural, nenhum caso, pessoa, sem tempo, sem humor".

As interpretações são, por isso, muitas – na observação das plantas como na leitura de um texto escrito por humanos. Prova de que a opacidade ou a transparência podem estar em qualquer lado. Os possíveis sentidos, esses estão sempre em cada um de nós. **A.P.C.**

"o debate actual sobre políticas identitárias com um discurso ecologista que recentra a perspectiva co-directo e co-curador, com João Morão, da Kunsthalle Lissabon